

# PREFÁCIO

## Viagem, conhecimento, tolerância e muita diversidade

No fim do verão de 2019, quando me preparava para sair apressadamente de um *ferryboat* que me levava de Helsínquia para Talin, toquei no ombro de uma senhora que caminhava num arrastado passo, num simples ato inadvertido de quem pretende transmitir “deixe-me passar, por favor”. Mas, logo que encosto a mão, a senhora reage como se lhe tivesse cometido uma sevícia e desata a largar aquilo que me parecia ser um insulto estónio. Sem sucesso, tentei explicar em inglês, perante as dezenas de pessoas que estavam ali à volta e que me olhavam com reprovação, que só precisava de passar porque estava atrasado para um comboio que me iria levar a Riga, na Letónia. Incompreendido, corado e sem jeito, afastei-me com a senhora sempre a vociferar com o dedo em riste só por que lhe havia tocado no ombro.

Já no comboio, e mesmo estando sozinho, não consegui segurar uma gargalhada com toda a inusitada situação, porque veio-me à memória um episódio semelhantemente inverso que protagonizei quando, um ano antes, viajava num *chapa*<sup>1</sup> entre Marracuene e

---

<sup>1</sup> O “*chapa*” é a denominação corrente do transporte popular em Moçambique. O

Maputo, em Moçambique. Lembrei-me que também protestei quando, para além do incómodo de me encontrar entalado entre os ocupantes da viatura, ainda ensaiaram sentar um provectoro senhor no meu colo. Reclamei veementemente perante aquilo que me parecia ser uma tortura e lá fui mimado com um... “*muzungo*”<sup>2</sup>.

Com a sobreposição destes dois acontecimentos protagonizados na primeira pessoa, e na tranquilidade que a viagem de comboio me estava a proporcionar, dei por mim a rever e a interpretar os dois incidentes à luz das teorias e dos modelos da Comunicação Intercultural, matéria que havia lecionado na FLUP nos primeiros anos da minha carreira de docente. Rapidamente percebi que os dois casos configuravam um *choque cultural*, em particular uma presunção errada no âmbito da *proxémica* que, como se sabe, configura a forma como os indivíduos de uma determinada sociedade estabelecem as distâncias físicas e regem a utilização do espaço entre si.

Perante a obra ***A Negociação como Processo Infocomunicacional e Intercultural – O que os Negociadores Precisam Saber em Países de Língua Portuguesa*** organizada pelos professores Roberto Vilmar Satur e Armando Malheiro da Silva, que é, *per si*, um roteiro para evitar choques culturais e uma bússola para

---

mesmo que em Cabo Verde se chama de “*iásse*” e que, no essencial, se trata de um taxi-carrinha ou táxi-van, não regulamentado. Tipo “*pau de arara*” do nordeste brasileiro, mas num formato “van”.

<sup>2</sup> Epíteto pejorativo usado na África austral para chamar a um indivíduo de raça branca, patrão ou chefe.

negociadores que procuram saber mais sobre os países de língua portuguesa, também dei por mim a visitar autores de Comunicação Intercultural, como Edward Hall, Geert Hofstede ou Fons Trompenaars. Em particular, aquilo que estes autores definem como barreiras culturais e onde se encontram, para além dos comportamentos não-verbais (onde os gestos, as expressões faciais e os comportamentos corporais dominam), vários potenciadores de equívocos, como a diferença nas *convenções*, nas *práticas*, nos *estilos*, nos *estereótipos* e, se adotarmos a *metáfora do iceberg*, os submersos *valores*, as *assunções* e, não raras vezes, as *frustrações* históricas de um povo.

No espaço lusófono todos os pressupostos elencados estão presentes, mas há um que, ao invés de ser uma barreira, assume-se como cimento que une as diferentes culturas – a língua. Sem esquecer que nos diferentes países e territórios de língua oficial portuguesa existem centenas de outras línguas e dialetos locais que nem o tempo nem as ditaduras políticas conseguiram apagar, e que devem ser, a todo custo, preservadas e fortalecidas, o português tem sido uma ponte que atenua os oceanos que nos separa, dando corpo a projetos culturais, académicos e científicos em todas as áreas do conhecimento.

Os diferentes e reputados autores que a presente obra reúne conseguem dar-nos uma ampla radiografia intercultural de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Macau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste, bem como um conjunto de ensaios sobre a língua, a CPLP

e as conjunturas que atravessamos na infocomunicação e na cultura digital destes territórios em análise. Como bem dizem os organizadores no “Introito”, “a língua comum, veículo de ideias, crenças, hábitos, práticas e idiossincrasias” servirá sempre como um “legado comum que facilita o diálogo e a negociação”.

Esta obra também representa um importante contributo para o campo da comunicação política, já que a cultura de um povo baliza os indivíduos e a sociedade e determina como estes agem politicamente. O leitor irá descobrir respostas que, normalmente, são tidas como subjetivas ou não identificáveis em determinada sociedade, não só através de uma dimensão conjuntural e pontual, como também outras mais estruturais e duradouras na identificação das diferentes culturais aqui representadas. Destaca-se, ainda, a forma rigorosa e distantes como os autores conseguem retratar algumas das tensões e conflitos políticos existentes em cada país, não obstante estar sempre assegurado uma visão profundamente humanista, bem como uma inabalável defesa dos direitos e garantias fundamentais da humanidade.

Em suma, ao longo dos onze capítulos, destaca-se o cuidado dos autores em preservarem a diversidade cultural e a identidade que saudavelmente nos diferencia, mas também a partilha de várias informações, dados, factos e ferramentas que nos permitem examinar o contexto e as particularidades dos países aqui retratados,

diminuindo fronteiras comunicacionais e combatendo as generalizações vulgares potenciadoras de desinformação.

Sabendo que as *viagens* e as suas mundividências (como as que aqui partilhei), bem como a procura do *conhecimento* e da informação sobre as diferentes dimensões culturais, quando alicerçadas na *tolerância*, são os ingredientes necessários para acabar com choques e equívocos culturais, também a presente obra se assume como um importante contributo para a construção de uma sociedade humanista, justa e próspera, sempre no cumprimento dos valores da Universidade.

Vasco Ribeiro

FLUP – Universidade do Porto